

COMPRA

**Semanario ilustrado
de Sciencias, Letras e Artes**

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Literarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Atoriaes: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicos: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.
 LISBOA

Officinas d'imprensa e composiçaõ
 A Liberal - R. de S. Paulo, 216

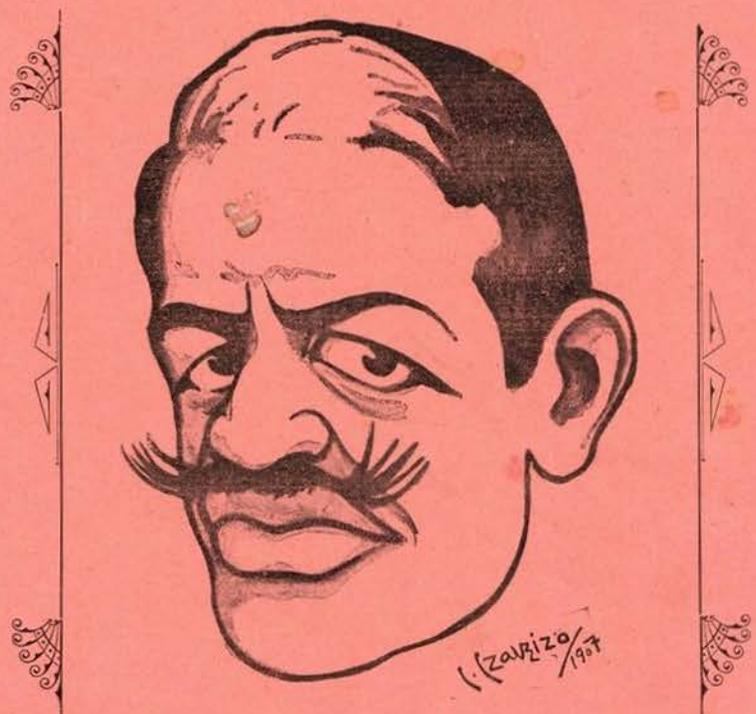
Segunda-feira
2 DE DEZEMBRO DE 1907

CONDICÕES D'ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs.
 Colonias..... 400 *
 Brazil (moeda forte)..... 900 *

NUMERO AVULSO 20 REIS

OS NOSSOS

J. C.



Em volume e no jornal
 Tem esta cabeça altiva,
 Com sua prosa incisiva,
 Demonstrado quanto vale.

COSTA JUNIOR

Doenças dos Olhos

R. Nova do Almada, 64, 1.º - Da 1 às 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA

Clínica Geral - Partos

R. de S. Roque, 67, 1.º - Das 3 às 5 da tarde
TELEPHONE 1573**ALBERTO FERREIRA**

MEDICO CIRURGIÃO

Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 as 11**ANACLETO DE OLIVEIRA**

MEDICO CIRURGIÃO

R. S. Vicente á Gula, 22, 1.º

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Succesor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D.Lisboa.

A LIBERAL

Officina TYPOGRAPHICA

Proprietarios

PALERMO DE FARIA & C.ª

—>>><<<—

Trabalhos Typographicos

EM

Todos os Generos

—>>><<<—

RUA DE S. PAULO, 216**LISBOA****Januario & Mourão**

OURIVESARIA E JOALHARIA

Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brindes, desde 15000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.

PREÇO FIXO

Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

JAZIGOS DE CAPELLA

A 200\$000 reis

8 Logares

Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES

QUASI DE GRACA

SÓ NA CASA DAS LOUÇAS

33, RUA DA PALMA, 35

Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO

DE

LOUÇA DAS CALDAS

Arte decorativa

Artigos para brindes

**GATO PRETO**

Rua de S. Nicolau

(Esquina da R. do Crucifixo)

DACTYLOSCOPIA

(Identificação pelas dedadas)

THESE INAUGURAL do medico XAVIER DA SILVA

Descrição minuciosa do processo — Maneira d'obter as impressões dos dedos — Processos de classificação — Analyse do Processo Bertillon — Casos portuguezes de reconhecimento pela Dactyloscopia, etc.

Este livro que é o unico escripto em lingua portugueza sobre o systema Galton-Henry, torna-se, em virtude da nova reforma dos Postos Anthropometricos, de reconhecida vantagem e precioso auxilio para aquelles que tem de fazer identificações e lidar com impressões digitas.

A «Dactyloscopia», escripta após dois annos de estudo no Posto Anthropometrico Central de Lisboa, ensina o modo de obter as impressões dos dedos, a maneira de as classificar, arrumar e procurar no armario archivo; encerra uma critica ao systema anthropo-signaletico de Alphonse Bertillon, descreve os processos adoptados no Posto de Lisboa, etc.

Por tudo isto é um livro recommendavel aos srs. funcionarios encarregados da identificação criminal.

Livreria Nacional e Estrangeira

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.ª**Rua Aurea, 186, 188 - LISBOA**

J. 101FH

COMPRA



Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES

Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira

2 DE DEZEMBRO DE 1907

Condições d'assignatura

(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias..... 400 »
Brazil (moeda forte)..... 900 »

NUMERO AVULSO 20 RÉIS



CHÁ E TORRADAS



Manoel Guerreiro, amigo, vem a meus braços; chega-te bem a este coração que por ti palpita com a mais íntima das alegrias.

O teu chá é delicioso, as tuas torradas tão fôfas, tão fôfas; ai, Manoel Guerreiro das minhas entranhas!

Eu não sei como agradecer-te o favor que me fizeste; só te digo que me permitiste folgar um momento, podendo assim dar largas ás minhas lamentações.

Tu riste?

Pois não tens de que; a graça de ter a hortaliça toda em baixo é pouca; mas como tu não percebes nada de alfaces, nem de couves, nem de nabos, vá.

O que não posso perdoar-te, não te perdoo não, tem paciência, foi logo d'entrada fallares-me na cara abolachada do teu senhorio, Ah! se o meu tivesse a cara abolachada! Porque, ao menos, segundo Lombroso e outros que taes, cara de bolacha é como quem diz, cara de goso, de satisfação, cara que indica fartura; mas o meu é uma cara, e o que é peor ainda, um unhas de fome.

Não o conheces?... Eu t'ô pinto em duas palhetadas.

E' magro e espalmado como um arenque de tumo; a sobrecasaca, que nunca

despe, foi estreada pelo avô no casamento do príncipe regente, depois El-Rei D. João VI, que Deus tenha em sua santa guarda, e está no fio; tem mais lustro nas costas e nos cotovellos do que os botões de metal amarelo que a adornam e, na golla e frente, venerandas camadas de sebo, amassado com a poeira de dois respeitaveis seculos.

As calças... as calças não, já foram, agora teem a apparencia d'umas cuecas muito esterlicadas, no fio, esgaçadas por varios lados e com uns fundilhos de outra fazenda que, o indiscreto vento, ao separar as abas da labita, deixa entrever como duas grossas manchas gordorentas.

A camisa, os punhos, o collarinho tudo está em serviço permanente ha mais de dez annos e, as mãos, descarnadas, tem uns dedos de esqueleto, terminados por unhas aduncas, embutidas do mais pura ebano.

Quando apparece no dia 15 de novembro e de maio, porque acha tarde pagar a renda no dia 20, tem a apparencia do vampiro; e, avarento de palavras, como de tudo o mais, bate á porta e, apenas lh'a abrem, estende a mão e murmura: a renda?

Se não lh'a entregam immediatamente para dar em troca um recibo passado n'um papel que tem sempre varias no-doas de gordura, não permite que esboquem sequer uma palavra e exclama com um olhar de furia: *ponha escriptos!*

E sabes quanto pago a este energumeno? Não sabes. Manoel Guerreiro? Cento e cincoenta mil réis por uma casa, que é um cubiculo, e tem apenas cinco divisões, sem commodidades de especie alguma.

Porque não te mudas, dirás tu. Já o tentei uma vez e dei com uma senhoria, que seria uma digna esposa do esfaimado que eu vejo todos os semestres antes das 8 horas da manhã e, ainda por cima,

surda como o portão d'uma quinta abandonada.

E fallas-me em senhorios?! Tu que és o veridico Manoel Guerreiro, o amigo desde a mama, baba e companhia! Quizeste arrelhar-me, pois não te gabo a acção, mas sempre te direi, que ter horror ao chá e torradas é indício de mau caracter.

Encolhes os hombros, tu, que és um impenitente amator de café forte e sem assucar! Tu que não comprehendes as delicias d'um chá bem feito, temperado com assucar pilé, de modo a ficar bem docinho, e acompanhado d'umas torradinhas de meleças com manteiga...ingleza e de primeira qualidade.

Barbaro!!!

E não te chamo mais cousas porque sempre tive por ti um fatcaz, que vem cá dos miúdos de dentro, e só se extinguirá com a luz dos meus olhos, que, segundo espero te ha de allumiar ainda por muitos e dilatados annos na companhia d'aquelles que mais estimas; mas, calculas de certo o que eu tinha vontade de te chamar.

Hei de entalar te com o chá e torradas, a primeira vez que te pilho a geito. Impingir-te-hei uma ou duas gamellas de chá Chambard e um pão de munição em torradas sem manteiga e duras como o granito da alma empedernida do dono da casa em que habita este teu amigo. Mas, como não tenho esses instinctos feroces que és capaz de suppor estarem albergados no meu peito amante, pedi-rei a uma boa fada que transforme esse chá no mais delicioso nectar e as torradas em suavissimos palitos *La Reine* ou fatias de louro e esburacado pão de ló.

E ficarei vingado!

— Maria, traze o chá e as torradas, que tu sabes, para o sr. Manoel Guerreiro.

JOÃO PACIFICO.



NOTAS CIENTIFICAS

Chronica

O FIM DO MUNDO

Ha muitos annos que se discute, mais ou menos acaloradamente, como acabará o mundo, sendo muito desencontradas as opiniões e até, por vezes, diametralmente oppostas.

Segundo a tradição biblica, a terra desaparecerá pelo fogo. Não diz a Biblia como se realizará o phenomeno, mas, accitando a argumentação d'alguns, n'uma epoca que, por enquanto não poudé ser fixada, dar-se-ha nos espaços planetarios uma perturbação grande e, a terra, deixando de ser sollicitada pelas forças que a equilibram precipitar-se-ha e, abandonando a posição que tem mantido ha tantos milhares d'annos, n'essa queda vertiginosa atravez do infinito, o attricto nas camadas d'ether desenvolverá tão alta temperatura que tudo se tornará incandescente, passará ao estado liquido e em seguida ao gazoso, perdendo-se por completo. Se assim fôr confirmar-se-ha a tradição e os auctores da Biblia terão acertado na hypothese que formularam e será o fogo o destruidor do nosso planeta, o que afinal tem succedido já a alguns dos corpos celestes, segundo affirmam muitos dos que estudam o que se passa na aboboda estrelada que nos cobre.

E entre os argumentos apresentados para justificar esta opinião, figura o movimento constante e extremamente rapido com que o nosso sol, e todo o systema que d'elle faz parte, avança para a constellação de Hercules, que parece fixa. Sendo assim chegará um momento em que as espheras de attracção hão de obrigar a precipitar todos os astros que gravitam em torno do nosso sol e teremos a queda nos espaços e com ella o desaparecimento pelo fogo, como já dissemos.

Mas se analysarmos o que dizem d'outra parte, o desaparecimento do nosso planeta não se dará nunca, e apenas desaparecerão os seres vivos, animaes e plantas que n'elle existem. Vejamos porque.

O sol que nos allumia e nos aquece irá a pouco e pouco perdendo calor e luz, e parece confirmar-se esta supposição pelas grandes manchas que se lhe notam e que, affirmam, não são mais do que enormissimas extensões que já esfriaram e perderam por consequencia milhões de calorias e com ellas o poder illuminante.

Aumentando o resfriamento do sol, o calor que nos transmite irá decrescendo e a terra irá soffrendo gradualmente o resultado d'esta falta que é para nós de importancia capital. Os gelos que, na

actualidade, apenas se accumulam nos polos e, principalmente no polo antarctico, irão successivamente avançando para o equador e d'esta invasão resultará necessariamente a morte de animaes e vegetaes, que, privados de calor e de luz, se extinguirão rapidamente, e muitissimas familias, refugiadas no equador encontrarão alli a morte pelo frio e a humanidade terá deixado de existir, a vida terá desaparecido totalmente da superficie da terra ficando esta gravitando no espaço, mas como materia inerte e inanimada. Ha quem assegure ser a lua uma prova evidente de que o futuro da terra será o mesmo que o do satellite que a acompanha e parece na verdade ser um simples montão de gelo, pelo menos na parte que, constantemente, se conserva voltada para nós, pois não se sabe ao certo se ha ou não selenitas (habitantes da lua) no outro hemispherio lunar.

Se isto é verdade, morreremos pelo frio, precisamente o contrario da outra theoria que nos matará pelo calor, isto é pelo fogo.

Mas, quer seja verdadeira a hypothese do calor ou a do frio, e quem sabe se ellas serão falsas, o que todos são concordes em garantir, é que o phenomeno está affastado de nós muitos milhares d'annos e, portanto, poderemos dormir descansados durante mil, ou mais gerações; o frio ou o calor a distancia tão incommensuravel nem sequer nos merece o mais ligeiro reparo e continuemos tranquillamente o nosso caminho, avançando para um fim, infelizmente para uns e muito felizmente para outros, que está a dois passos e representa apenas um instante, comparado com a eternidade.

JOÃO PACIFICO.

ESPIRITISMO

A conversão de Eugenio Nus ao Espiritismo

(Continuação)

Durante alguns dias continuámos a insistir pertinazmente n'esta questão. Queriamos por força arrancar-lhe uma explicação categorica; mas ella parecia sentir um ruim prazer em nos deixar na incerteza e retomava o curso do que ella chamava os seus «ensinamentos».

Comtudo, um dia, impaciendada com as nossas instancias, decidiu-se a romper o proposito em que parecia ter estado, e dictou-nos, com visiveis indicios de de mau humor, as seguintes palayras:

«Recommendo instantemente a todos a paciencia e a submissão. Demasiadas vezes se faz referencia ao que eu defini; é duvidar loucamente do meu poder.»

— Não se trata do teu poder, observámos nós em côro. O que tu disseste é destituído de senso commum. Nós não duvidamos do teu poder intellectual, venha elle de onde vier, pois que as tuas

asserções nos preocupam e nos confundem. Disseste a respeito da morte uma coisa que nós repellimos com indignação. Não admittimos que a alma se evapore e que a consciencia se aniquile; que a vida seja apenas uma negação, a moral, uma tolce e a justiça uma ficção. Não podemos continuar a serio os nossos estudos — pois que isto constitue um estu- do — enquanto não estivermos de accordo entre nós e contigo sobre esta base; se nós comprehendemos mal, declara-nos que somos rudes; mas explica-te mais claramente e, se não queres fazel-o n'este momento, dize-nos ao menos uma palayra que nos tranquilise e nos anime!

Tinhamos uma mão sobre a meza. Momento de silencio. Esperavamos... Enfim, a meza levantou-se.

Jamais esquecerei a emoção que se apoderou de nós perante a fisionomia que o phenomeno assumiu n'este instante. — «Fisionomia» é o verdadeiro termo.

Com uma lentidão, uma magestade impossivel de descrever, a meza bateu — como que revestida de uma auctoridade que se impunha — as letras seguintes, que nós vimos chegar, uma após outra, sem a principio acreditarmos que ellas pudésem ter um sentido. A meza fazia uma pausa entre cada uma d'ellas e sustentou, até ao fim das suas palayras, uma imponencia, uma solemnidade de movimento que ainda não víramos até então e que nos deteve presas de admiração, involuntariamente tomados de respeito. A — D — S — U : . .

— Isso não é uma palayra; ha erro, disse um de nós.

E a meza, impassivel na sua magestosa lentidão, continuou: M — D — E — U — S.

ADSUM DEUS.

— E' bastante para hoje, disse Brunier levantando-se; nós caminhamos para a loucura. Brincamos com o fogo!

Como todos nós, elle havia sentido arrepios nas costas.

Foi a unica vez que em mim senti uma impressão d'esse genero produzida pelo phenomeno. Que isso se desse pela nossa propria disposição de espirito, fosse devido não sei a quem nem a quê, o certo é que o caso nos impressionou de véras.

COM OUTRA MEZA

Ainda algumas frases de doze palayras, mas d'esta vez fóra de Paris, no campo, longe do nosso grupo da rua de Beaune e com um novo cooperador.

Mas sempre a pura quintessencia da metafisica. Citemos algumas.

LIBERDADE. — «La liberté de l'homme aide l'ondulation ascendente de la création infinie.» (A liberdade do homem auxilia a ondulação ascendente da criação infinita).

— Não é claro: explica te.

— «L'homme dispose d'une force pour se depouiller complètement des restes de l'animalité.» (O homem dispõe de uma força para se despojar completamente dos restos da animalidade.)

— Bem : isso já é rasoavel.
 — «Force qui est la commandite de Dieu livrée à la gestion humaine.»
 Força que é a commandita de Deus entregue á gestão humana.)
 — «Commandita de Deus» não é feio.
 — «Force qui s'augmente inépuisablement, quand elle est dispensée parallèlement aux projectos divins.» (Força que augmenta inexgotavelmente quando é empregada em harmonia com os projectos divinos.)
 — Os «projectos divinos». Emfim, adiante.

(Continúa).

PALESTRAS

IV

A hygiene social, esse intrincado problema que desde longa data vem preocupando uma pleiade de homens cultos, tem merecido n'estes ultimos tempos especial reparo, mercê do progressivo definhamento da raça.

Estudam-se variadas formas de tornar mais suave ao homem, o arrastar da cruz pelo calvario da vida. Procura-se crear condições que lhe garantam maior longevidade.

Dia a dia, veem a luz da publicidade, obras de pulso advertindo o homem e sua pròl dos perigos que advêm da não observancia de varios preceitos higienicos, habil e conscienciosamente delineados.

Uns estabelecem principios para combater a insalubridade das habitações, falsificação e alto preço dos generos alimenticios.

O excesso de trabalho, tantas vezes exigido a pobres creanças, a troco d'um vil salario, deve a outros, particular attenção.

A alimentação dos pequeninos seres, atravez os primeiros tempos de vida extra-uterina, torna-se um magnifico campo para manobrar explanações scientificas.

No remanso do seu gabinete de trabalho, com uma dedicacão digna de aplauso, alguns higienistas, cabeça pendida por sobre censos da população, mexem e remexem estes, no intuito de estabelecer confrontos, folheam taboas logarithmicas para calcular taxas de nascimentos, casamentos e obitos.

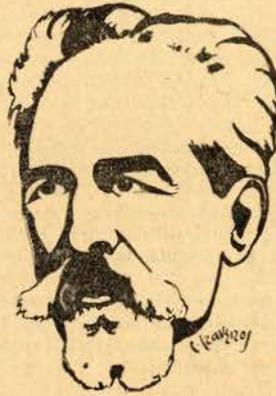
Porem, na vida pratica, quaes são os elementos que, a esse punhado de homens, secundam os esforços envidados em pró da humanidade?

Um indifferentismo, filho da ignorancia ou malevolencia de seus componentes, abraça a sua obra negando-lhes auxilio para proseguirem em tão santa cruzada.

Dois grupos de individuos, nos surdem então como que atrahidos por magica varinha...

Uns, que nada veem, porque cousa alguma lhe ensinaram a ver, quando lhes expõem principios embora uteis ao seu bem-estar, tem sempre engatilhada a phrase : são lérias...

Mascaras illustres



Thomaz Ribeiro

Outros, sabendo ver os factos pelo seu verdadeiro prisma, interceptam a luz que a este chega, por um diaphragma de conveniencias, para se preoccuparem apenas com o auferir de maiores vantagens sobre o seu semelhante, ainda que para tal fim este tenha de ser infamemente ludibriado. Chamados a capitulo, procuram defender o seu procedimento, exclamando prazenteiros : *é a lucta pela vida!!!*...

Apóz varias considerações, dissemos n'um artigo anterior : — «a perfectibilidade humana deve resultar da proporção harmonica em que n'um mesmo ser existam, educação e illustração».

De facto, conseguido tal desideratum, ousamos afirmar que a hygiene social, proclamada com affinco por um grupo de homens, conseguirá transpor facilmente os obstaculos que á sua pratica são creados pelos interesses individuaes de qualquer ordem, ou pela crassa ignorancia a recebe-la com um pachorrento encolher d'ombros.

Emquanto se não exercer sobre o espirito humano uma therapeutica tal, que o adapte a conceber sãoes empreendimentos, todos os esforços por melhor dirigidos que sejam, serão improficuos ante a estupidez e maldade de que o mesmo espirito enferma. Combata-se a causa remota e ver-se-ha a causa actual resentir-se do benefico ataque. Um exemplo nos occorre: Como fazer acreditar ao ignorante que o abuso do alcool é meio caminho andado para a tuberculose, se elle apenas conhece aquelle producto como um esplendido mata-bicho nas madrugadas em que o frio lhe regela o corpo?! Mostrando bonecos com o nariz e face avermelhados, impressos em cartazes de caprichoso colorido, facultados por uma assistencia, não se faz conhecer ao alcoolico, o perigo que o ameaça.

Quando muito esse meio está indicado para reclamar revistas do anno ou dramalhões em que morrem em scena todos os interpretes, ponto, orchestra e o publico... de riso!...

JORZE



O phantasma da Alameda

A minha Mãe



Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

Communicou a sua ideia aos paes, achando-a os bons velhos um pouco extravagante, mas como nada lhe recusassem, não se opposeram, recomendando apenas que se não demorasse, e que levasse o Turco, seu guarda fiel.

Carlota, partiu, montada n'uma bonita egua branca, acompanhada-a o molôso.

A joven, levava a egua a passo, extasiando-se perante o soberbo espectáculo que lhe offerencia a natureza:

Manhã cheia de sol. Um sol rutilante e esplendido parecendo nunca ter servido. O extenso tapete de relva, não tinha ainda sacudido de si o manto perlado do rocio da madrugada; no ceu de um azul saphyra, apenas algumas nuvens indaliscas se espreguiçavam indolentes, como odaliscas ao despertar.

No arvoredor, os passarinhos, atrovavam os ares com o seu chilrear alegre e descuidado.

A vegetação era exuberante. Nas laranjeiras, pecegueiros, pereiras e ameixeiras, gotejava ainda o orvalho, como pingentes de crystal, tendo ao bater-lhe o sol, irradiações do arco iris. Haviam chegado ha muito as andorinhas; as avesinhas nascidas d'hontem ensaiavam o seu primeiro vôo.

Enxames alados rumorejavam nas ramadas. O zumbido da abelha andava no ar; essa infatigavel obreira de flor em flor sugando-lhes o calix.

As borboletas e outros insectos de côres variegadas, voitavam em torno de toda aquella vegetação, rica de seiva. Ao pé do carvalho, minúsculos malmequeres desabrochavam; o grande não incomodava o pequeno, antes acolhia este como que sob a sua protecção, fazendo-o viver. Tudo entoava n'um côro sublime, um hymno de páz e amor. A madresilva e outras plantas trepadeiras enlaçavam-se nas ramadas, como n'um amplexo fraternal; odores capitosos saturavam a atmosphera. Um delicioso bem estar se apoderava de nos, fazendo-nos sentir desejos de viver. Innumeras florinhas de diversas côres, formavam entre si, n'uma promiscuidade encantadora, lindos e garridos bouquets.

As aguas da ribeira marulhavam docemente como n'um arrullo; no fundo de areia muito branca, divisavam-se os seixos pequeninos e lustrosos.

O valle parecia festejar a chegada da primavera. Tudo dizia Deus e Amor.

Carlota, deixava-se embalar pelo encanto daquelle magnifica manhã.

Passada uma hora, quasi sem dár por tal, a joven encontrava-se á entrada da quinta dos Choupos, assim denominada, por ser rodeada d'estas arvores.

Entrou, apeou-se, prendeu a uma árvore proxima a sua egua, e acompanhada do Turco, encaminhou-se para o caramanchão.

As trepadeiras á vontade, sem que ninguem as tivesse detido, haviam crescido prodigiosamente, formando ali, uma deliciosa gruta de verdura, por onde o sol entrava muito discreto.

Quem passasse na estrada, não poderia vêr o que se praticava lá dentro.

A um lado, havia um grande canapé de cortiça e troncos de arvores. Fóra certamente ali, que Magdalena e Luiz se assentavam falando do seu amor tão profundo e tão pouco vulgar.

A joven foi vêr o carvalho que servia de coreio de amor aos dois amantes... lá estava bem visivel a cavidade, agora mais cheia de musgo e folhas secas! Depois, assentou-se, pondo-se a reconstituir na mente as scenas de que tão poético sitio havia sido testemunha.

Indolentemente encostada os olhos semi-cerrados, sentia-se presa d'uma tristeza indefinida, e pensava em Alfredo... As mãos pendiam-lhe abandonadas ao longo do corpo, a cabeçita elegante de pomba, descahia-lhe com graciosidade sobre o respaldo de cortiça do canapé. Carlota, estava extraordinariamente linda... ao vê-la, ninguém diria ser uma camponesa, e nem mesmo o seu trajar indicava uma filha do campo. Turco, deitára-se-lhe aos pés e deixava-se dormir.

Era um quadro realmente encantador, digno do pincel de um grande artista.

Nem a joven, nem o seu fiel companheiro, notaram a aparição de alguém á entrada do caramanhão... A pessoa que chegára, detivera-se maravilhado do adoravel quadro que se lhe offeria á vista...

Ao reconhecer Carlota, soltára uma exclamação de surpresa, que sobresaltou a donzella, fazendo-a soltar um ligeiro grito de espanto... O Turco que tambem despertára preparava-se para travar pouco amigavel conhecimento com o inesperado visitante, quando Carlota uzando de toda a sua auctoridade lhe bradou:

—Aqui Turco!... já quieto!... O animal obedeceu, sempre olhando Alfredo de soslaio, e humildemente veio deitar-se junto da sua joven dona.

—Obrigado, Carlota, por me ter librado das garras desse feróz animal, disse rindo o moço engenheiro, realmente está bem guardada!...

A joven, sorria estendendo a sua bem feita mão, a Alfredo, que a apertou effusivamente nas suas.

—Oh! Carlota, que jubilo surpresa me causa o vê-la aqui!... Veio talvez como eu, a este lugar, devido á narraçõ de seu avô? E' a primeira vez que aqui vem?

—E', e quer saber? vae provavelmente chamar-me visionaria, mas julgo que adejiam em torno de nós, neste caramanhão, as almas de Luiz e Magdalena.

—Não duvido, Carlota, quando eu um sceptico, costumado á vida das grandes capitães, me sinto aqui preso por extranha sensação, não me admiro, que a Carlota, um espirito poetico de mulher nova, sinta o que acaba de dizer.

—Não sabia que V.ª Ex.ª tinha regressado; suppunha-o ainda em Lisboa, disse a joven procurando mudar de assumpto, pois receava que o genio impetuoso e todo amor do mancebo, o levasse para o terreno das declarações, que ella agora tanto temia, depois do muito que duvidava d'elle.

—Quer isso dizer que se soubesse que eu já estava de volta, não viria aqui?...

Carlota, sorriu embaraçada, vendo que o mancebo não se dissuadia facilmente de uma ideia e não respondeu.

—Como é má... e Alfredo entrou, assentando-se em frente da linda camponesa, num tóscico banco, feito de um tronco de arvore.

(Continúa).

Naufração de um coração

De angustias repassado, um coração
No mar da vida naufragou um dia.
Elle era a estrélla, o norte, amparo e guia
E a fonte perennal da illusão.

Sem dar um ai viveu no soffrimento
Amargo d'esta vida irrequieta.
Ainda se fez um solitario asceta
Mas nada lhe valeu o isolamento.

Um dia vem um ar gelado, intenso,
Que sem dó traspasou o heroe da dor:
Morrera-lhe a illusão, o seu amor,
E definiu o coração immenso.

Depois ficou vis'ra, vil materia,
Causando a mais cruél circulação
Do sangue pela veia e pela arteria
D'esse naufrago e immenso coração.

LUCIANO ARAUJO

«O Camões» de Theophilo Braga

(Conclusão)

Camões, contando 19 annos, não foi immediatamente admittido no paço, como se julgou. Não foi tambem pedagogo em casa de D. Antonia de Noronha, como Storck pensa. Essas funcções ainda não existiam na epocha. Em seguida, Theophilo Braga desenha-nos os espectaculos dos serões nos Paços da Ribeira e Santa Clara com as respectivas intrigas, a influencia dos Gracianos sobre D. João 3.º a invasão do poder real pelo infante D. Luiz, etc.

No entanto os serões iam rareando: Sá de Miranda, desterrado no seu Minho, na commenda das Duas-Egrejas, perguntava com saudade:

Os Mouros, os Serões de Portugal
Tam falados no mundo, onde são
idos?

Ao periodo de effervescencia litteraria succede a poesia mercantil.

As damas do paço começam a pedir-lhe glosas aos seus motes: só em 44 é que Camões tem entrada na cõrte por motivo das festas solemnes por D. João ter sido jurado herdeiro. As poesias de Camões, são successivamente disputadas desde a mais engoiada donzella, até D. João 3.º Camões torna-se a primeira figura litteraria da cõrte. Acarreta odios: atravessa-se-lhe o insulso Caminha que havia mais tarde de denunciar Damião de Goes á Inquisição.

E' na cõrte que Camões tem os seus primeiros amores; Theophilo faz destes uma descripção unica: quer sobre o destrinçar de personagens, quer mesmo sobre o enredo d'esses amores, que até agora os biographos tinham considerado pura phantasmagoria: esse quadro (p. 320-404) é, seguramente, das partes mais bem tratadas de toda a biographia. Camões em virtude d'esses amores é desterrado para fora da cõrte. Acabado o desterro, Camões desanimado parte para Ceuta.

Theophilo Braga aproveita esta passagem para fazer notaveis considerações sobre as condições então do nosso imperio colonial, annota a vida de Camões pela carta delle, inserta por Juromenha, estuda as relações que o poeta teve com D. Alfonso de Noronha. Camões refugia-se na vida intellectual, accudindo-lhe então a idea do Pensamento novo, qual seja a da epopéa. Numa escaramuça contra os barbaros Camões é ferido por um pelouro no olho direito, do que resultou cegar. Seria mais tarde motivo para modas e alcunhas de "Cara sem olhos,,"

O serviço em Ceuta era por dois annos; Camões regressa com D. Alfonso de Noronha a Lisboa. D. Alfonso ia para a India, Camões acompanha-lo-ia. D. Catharina não o esquecera e não deixou de o amar por elle vir cego. Só Caminha achou lugar para chufas. Relata depois Theophilo Braga o conflicto do poeta com Gonçalo Borges e a

influencia miraculosa de D. Francisca de Araga, sua admiradora.

Camões parte para o Oriente onde ficaria por 16 annos.

Theophilo Braga revê por completo as circumstancias em que se encontrava o nosso imperio, a influencia corruptora dos Jesuitas, abordando todos os problemas que se prendem a esse periodo mais que obscuro da vida de Camões e insere em especial materiaes novissimos sobre o naufragio (1559), cuja data foi deduzindo da carta do P.º Gago. Bento da França já publicára essa carta mas não soubera tirar della luz absolutamente nenhuma. Theophilo Braga chama a si os elementos geographicos, litterarios, combina-os e deduz a data verdadeira do naufragio — outubro de 59. Mostra a verdade da tradição da factura dos *Luizadas* na gruta de Camões.

No 2.º periodo, que T. Braga caracteriza como o de «Refuzio na idealisação poetica» tambem o erudito critico explana nitidamente a situação de Camões que recebe nessa occasião a noticia da morte da sua tão cara Natercia e que elle evoca tão doridamente no «*Alma minha...*»

Camões regressa depois com D. Antão de Noronha a Portugal, chegando a Lisboa a 9 de Abril de 1570, data que pela 1.ª vez é precisada.

Descreve então Theophilo Braga a angustiosa situação financeira e moral em que nos achavamos (1699-705), enumera as distincções conferidas ao poeta, Tasso enviando-lhe, antes da publicação dos *Luizadas*, o soneto conhecido; os trabalhos de Camões para imprimir os *Luizadas*, sendo encarregado da censura do Poema o rev. Bartholomeu Ferreira. Theophilo Braga accentua em seguida a importancia deste facto.

O grande mestre descreve depois a situação da corte nessa epocha, a expedição a Africa, a lenda de D. Sebastião, a escolha do Cardeal D. Henrique, a iberrisação do nosso Portugal pelo meio catholico, a grande peste de 80 e insere, por fim, para terminar com chave de ouro, importantissimos materiaes sobre a morte de Camões até agora perfectamente desconhecidos.

Fructo de trabalhos immensos não só de verificação mas de deducção e investigação trabalhosissima!

O «*Camões*» de Theophilo Braga, livro escripto na idade em que o funcionario publico come e dorme tranquillo com a sua aposentação, o *Camões* de Theophilo, fixa perduravelmente a vida e o meio em que agiu o grande poeta e patriota.

Inserindo estudos que remodelam por completo a vida do poeta, Theophilo fez bem accentuar a influencia patriótica de Camões. Termina com a phrase de Sousa Martins: No desmembramento de Portugal os *Luizadas* serão o «*ultimum moriens*» á qual se poderão accrescentar as de Jeoni «*O conquistador que pretender assoberbar Portugal, terá primeiro que rasgar até á ultima pagina a nossa Biblia — os Luizadas*».

Nov. de 1907

JOÃO DE MAGALHÃES COLLAÇO.

Galheteiro

III

Com escriptos.

Lisboa não se diverte, diz a bocejar o alfacinha à mesa dos cafés; e no entanto, com gaudío dos empregarios e dos

a penna e na disposição de ir ser insolente para com o segundo perturbador do meu socego.

— A casa pôde ver-se? Soou uma vóz cujo sexo não distingui.

Abri a porta e, sem que tivesse tempo para responder, uma enorme familia com muitas plumas, muitas creanças, um cão e um namorado com cara de caso, invadiu-me a saleta, o corredor, a cosinha e o escriptorio, fallando alto, abrindo armarios, devassando quartos, como se procurassem um criminoso.

ella compunha o chapeu e as filhas lhe limpavam o vestido, observei-lhe delicadamente que a serie de disturbios que a presença de sua familia occasionára, me tinha desgostado.

— Ora, minha senhora, isso acontece; e demais a obrigação é mostrar a casa quando se põem escriptos, disse ella nervosa.

— Decerto! acodem em côro as filhas. — E' claro! Diz a resfolegar o *attaché*.

— Mas... atalhei.

Portugal pittoresco



Costa da Torreira — Barco de pesca — Photographia do Ex.^{mo} Sr. João Salgado

oculistas, os logares nos animatographos são disputados a murro, em extensas bichas que interrompem o transitio, e o bom humor revela-se na indifferença com que á procura das diversões nos periodicos, os leitores passam sobre a prosa transcripta de Mr. Galtier.

E em boa verdade, não é um paiz de neurasthenicos.

O Carnaval que a folhinha por modestia descobre entre Fevereiro e Março, repete-se modernizado em Maio e Novembro, sem papelinhos, sem mascaras e sem guizos, mas muito mais folião e divertido, cheio de peripecias e emprezas, entrando-nos em casa sem convite e sem *loup*, á simples collocação de uns quadradinhos de papel nas vidraças das janellas.

São dez horas da manhã.

Preparo-me para escrever alguma coisa.

A vizinha de cima arranca ao piano uns estertores de uma pobre valsa que se fina entre pragas, e a corda da campainha rebenta ao fim de enormes puxões que a fazem estremecer com ruido.

— Quem é? Perguntei atirando com

Contando com o cão eram oito.

Mãe, tres filhas, um Adonis e dois rebentos que aquelle carvalho secular pela grossura, não decidira dar ainda como a sua ultima affirmação de fecundidade.

O gato, um bello angorá que me aquece os pés, recebia de pello ericado o seu intruso visitante e vingava n'elle a minha ira correndo-o á unhada e fazendo-o quebrar na desordenada carreira pratos e copos que se accumulavam sobre a mesa da cosinha, onde o perseguido, a ganir procurára refugio.

Os dois rapazes, disputando a posse d'uma bengala para bater no papagaio, quebravam-me um vidro da janella e entornavam-me o pote alagando o sobrado.

A mãe dispöz-se a castigá-los e tentando atravessar aquelle oceano, estate-lou-se com indescrível ruido, a que veio juntar-se o clamor das filhas e o bater desesperado da vizinha de baixo.

Eu nem forças tinha para protestar.

Por fim, o pachiderme de saias lá foi erguido a custo por todos, depois de inuteis tentativas do futuro genro que se expremêra em exercicios athleticos, no que não conseguiu brilhar. Os petizes tinham desaparecido.

Tomei então a palavra e, enquanto

— E afinal ainda não vimos nada!

— Perdão... tentava eu.

— Queremos ver tudo!

Não havia meio; resignei-me.

— E vossencia sabe o preço?

Interroguei ao ver que a obesa senhora se sentava ordenando ás raparigas mais minuciosa busca.

— Ainda não m'o disse...

— Duzentos mil réis.

D'esta vez assustei-me.

Soltou um ronco de espanto, ergueu-se bruscamente e desatou a rir... a rir, até á porta do corredor onde guinchou:

— Meninas! O' meninas!

Partiram gritos de todos os lados e ouviu-se o galopar desordenado das tres graças.

— Pois não querem saber? Este pardieiro reles, que nem de graça nos servia, sabem por quanto se aluga?

«Duzentos mil réis,» disse depois de breve pausa, casquinando de novo gargalhadas fingidas.

O côro fez-se ouvir e a caravana agitou-se em direcção á porta.

— Parece um còvil, e cheira mal, e é escuro...

Cada qual punha o seu defeito e rematava com um gesto desdenhoso.

Estavam já na escada onde continuavam os commentarios.

Fechei a porta de repellão e, mal feito ainda d'aquelle inferno, consegui respirar.

O relógio marcava onze horas menos um quarto. Quarenta e cinco minutos perdidos, loiça partida agua entornada e o galheteiro por fazer!

Nem pensei em contemplar os estragos que aquelles vandalas haviam feito e dispuz-me a trabalhar.

Sentei-me á secretaria, mal disposta e sem assumpto, quando, de repente, sentindo que alguém me segurava as pernas, dei um pulo na cadeira entornando o tinteiro sobre os linguados de papel.

Era phantastico!

Os rapazes fugindo á furia da mãe, tinham-se occultado alli e ninguém lhes sentira a falta.

Segurei-os pelas orelhas e abrindo a porta atirei com elles para a escada, amaldiçoando os escriptos, as casas e os senhores.

Tinha febre. De todos os lados me surgiam collegios, os moveis dançavam e não podia escrever.

No dia seguinte encontrava na rua do Ouro o João Pacifico. Pensei em escarp-me mas qual! A grande distancia já elle perguntava: então esse galheteiro, vem ou não vem?

Desculpei-me como poudes, inventando dôres e doenças, mas a causa, confesso-lhe hoje, foi esta:

Estive com escriptos.

MISS WHITE

A Nossa Estante

A Boa Nova, (esboço de um poema) original de Eduardo de Carvalho.

Elevado nos conceitos, correcto na metrificacão, o livro de versos do sr. Eduardo de Carvalho é daquêlles que, logo ás primeiras linhas, nos deixam a convicção de que: *ha ali alguma coisa.*

Não entrámos na apreciação das ideas que como faiscas saltam dêsse vulcãozinho que é a *Boa Nova*, a orientação deste semanario inibe-nos de o fazer; unicamente felicitamos o sr. Eduardo de Carvalho pelas suas bellas qualidades de poeta.

Do seu livro e com a devida vénia, transcrevemos os versos que seguem:

O' minha louca e esteril mocidade!
Que tens feito de justo, de sublime?
Envolveida na onda — sociedade,
Vives no mesmo horror, no mesmo crime.

Fallas grande amor da Liberdade!
A termos taes a tua accão imprime
Aquella nobre e santa idealidade,
Que ás almas purifica e em si redime?

Nada! passando, a tua viva musa
Espalhou sobre todos a confusa
Harmonia da lira — inda innocente.

D'isto te accuso. (Nada mais te pede
O Juiz de Consciencia) Só d'isto: E' de
Ter's feito tanto verso inutilmente.

Soneto dramatico

O *Incesto*. Drama em tres actos. — *Acto primeiro*;
Jardim. — Velho castello illuminado ao fundo.
O Cavalheiro jura um casto amor profundo
E a castellá resiste... Um famulo matreiro,

Vem dizer que o barão suspeita o cavalheiro.
Elle foge. Ella foge — Apito. — *Acto segundo*;
Um salão do castello. O barão tremebundo
Sabe de tudo! Horror! Vingança! — *Acto terceiro*;

Em casa do galan, que sentado trabalha,
Entra o barão, armado, e diz: — Morre, tyranno,
Que me roubaste a honra e me roubaste o amor!

O mancebo descobre o peito: — Uma medalha!
— Quem t'a deu? — Minha mãe! — Meu filho! — (Cahe o panno).
— A' scena o auctor! A' scena o auctor! A' scena o auctor!

ARTHUR AZEVEDO.

UMA ROSA

A vida é como um raro e excentrico conjunto
De tentações subteis, de gosos traicoeiros.
Inebriante, como o aroma dos pinheiros;
E, ás vezes, triste como um desejo defunto.

Nos círculos do goso, ha, quasi sempre, junto
Ao sol de uma alegria escuros nevoeiros.
Que misticas paixões! Que risos passageiros!
Surpresas, cuja causa em vão a mim pergunto.

D'esta forma, scismando em Risos, Vida, Versos,
Prendeste-me, casualmente, a ideia embevecida
N'um jardim uma rosa entre ramos dispersos.

Era um lindo exemplar. Fitei-a, revestida
De espinhos, como os ha na Existencia, perversos.
Achei n'aquella flôr um simbolo da Vida!

11-907. RAFAEL A. LEZAMETA.

Capricho?...

Geme no peito ainda o echo doce
Da sua voz, sussurro que illumina,
Aquelle capricho, amor ou o quer que fosse
Que eu quiz avassalar e me domina!

Meu coração inerte transformou-se
N'uma aboboda immensa, crystalina,
Onde o echo d'amôr que ella me trouxe,
Mil veses repercute a voz divina.

E agora acostumado o meu desejo,
Ao dulcissimo som em que me inspiro,
Quizera ouvir-te sempre, oh doce harpejo,

Até morrer; e a voz que ora respiro,
Eu podesse enviar-lh'a com um beijo,
Quando exalasse o ultimo suspiro.

MARIO BASTOS

O *Azulejos* começa no proximo
numero a publicação d'um novo conto,

O CRIME "DELLARD"

que é um sensacional episodio da vida policial e, certamente despertará grande interesse aos seus estimados leitores.

Mandamentos da Vida Pratica

I.—Não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje.

II.—Não gastes dinheiro antes de o ganhar.

III.—Não compres o que fôr inutil, sôb pretexto de sêr barato.

IV.—Nunca te arrependas de não têr comido demais.

V.—Trabalhar de boa vontade nunca fatiga.

VI.—Nunca recôrras a outrem para fazer aquillo que tu possas fazer.

VII.—A vaidade e o orgulho custar-te-ão mais caros que a fome e a séde.

VIII.—Começa sempre pelo principio.

IX.—Livra-te dos desgostos e apoquentações que existem apenas na tua imaginação.

X.—Antes de falar, conta até dez se estivêres apenas descontente e até cem se estivêres zangado.

JEFFERSEN.

Pensamentos

Os homens ativos e vãos são como as espigas de trigo; os que mais levantam a cabeça são os mais vazios.

PADRE ANTONIO VIEIRA.

Ha uma verdadeira maçonaria entre as mães: comprehendem-se todas.

CARMEN SYLVIA

O ciume d'um namorado é uma homenagem: o do marido é uma offensa.

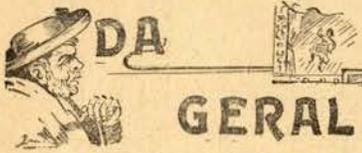
CARMEN SYLVIA

Da calunnia sempre fica alguma coisa.

LEUCOCYTO.

Epigramma

Certo professor primario
Pela fome perseguido,
Resolveu suicidar-se
Comendo... um ovo mexido.



THEATROS E CIRCOS

D. Maria — Judas: poema lirico em quatro jornadas, de Augusto de Lacerda.

O novo trabalho do sr. Augusto de Lacerda é litterariamente cuidado, poeticamente bem exposto, theatralmente mal engehado e filosoficamente mal pensado.

Segundo a nossa opinião, o trabalho a fazer, tendo como assunto, a traição de Judas, seria nobilitar-o por tal ordem, que provasse á evidencia que esse discipulo de Jesus, que chegou a apostolar, não foi um criminoso nato, mas tão somente uma victima dos preconceitos de classe, de raça, de seita, enraizadissimos naquella epoca, conjugados com o espirito irrequieto e desconfiado do discipulo e sua ambição desmedida.

No convívio dos Apostolos, todos galileus á excepção de Judas, que era natural de Kerioth, era este visto com maus olhos, talvez por ter nascido em terra diferente daquella que dos outros foi berço e ainda pelo seu feitiço reservado.

Desses apostolos, um se distinguia pela aversão que notoriamente votava ao seu irmão de Kerioth e esse era João, discipulo querido do Mestre que com Simão Pedro, outro não menos querido de Jesus, formavam um como conselheiro privado onde as grandes resoluções se tomavam, sem que os demais fossem ouvidos. Estes actos que não eram mal interpretados pela maioria dos discipulos de Christo, não passavam, no entanto, despercebidos a Judas que via nelles, uma desconfiança na sua fé, na sua lealdade, na sua intelligencia e uma contradição das proprias palavras de Jesus que a todos chamava irmãos, que a todos pregava igualdade.

Por tudo isto se foi cavando na alma do de Kerioth um profundo vazío onde mais tarde tomou raizes e floresceu a idea da revolta que fez de Judas, sem duvida, o cooperador mais eficaz na grande obra da Redempção Humana.

Não queremos com isto dizer que Judas não amasse a Maria de Bethania, muito embora a tradição não nol-o afirme, o que porem achamos é simples, ingenuo, de pouco vulto e quiçá desnecessario, o pretexto duns amores carnaes, mundanos, para desculpar um acto que coisas de maior vulto *determinaram*.

Se, filosoficamente encarada, achamos, pelas razões expostas, a peça debil de intuitos, como obra de theatro parece-nos um tanto desligada e diluida (bem sabemos que é difficil fazer viver em scena assuntos biblicos).

Encarada porem como obra litteraria e poetica, repetimos, o trabalho do sr. Augusto de Lacerda está feito com toda a honestidade, beleza de forma, cuidado de metrificação, elevação de linguagem e conhecimento e estudo da epoca em que a acção se desenrola.

No desempenho, com quanto tenha havido muita vontade d'acertar, muito estudo, muita preocupação, ha grandes desigualdades. Brazão faz esta peça com amor mas não nos marca por completo a figura do traidor classico. Luiz Pinto, no galileu João, usa e abusa dos braços, empregando o gesto largo com espantosa exuberancia.

Angusto de Mello no Poncio Pilatos, tambem nos não satisfaz, porque nos parece abandonar-se um tanto, torcendo assim a figura astuta, egoista e prespicaz dêsse procurador de Rôma na Judéa.

Fernando Maia no Gamaliel foi correcto, sobrio, marcando bem a figura daquelle doutor da lei, amigo de Jesus.

Ignacio na parte de Hanan, com quanto não vá mal, mostra por vezes uma submissão impropria e demasiada num ex-grande Sacerdote.

Araujo no fariseu Benjamin apresentou uma boa caracterização, um expiendido tipo e sustentou-o nas duas curtas scenas que tem nesta peça.

Palmira Torres na Maria de Bethania, fóra do seu genero, fez o possível, ou antes, o impossivel, para dar a nota exacta do papel.

— Maria Mattos, tambem fóra do seu genero, mostrou ter comprehendido a parte que lhe distribuiram, não a tendo executado no todo. Não sabemos quem, obrigou-a a declamar com voz de cabeça, o que, num papel de sentimento, como o della, é um erro. A expressão de sentimento, theatralmente falando, só a voz do peito a pode e deve traduzir.

Maria Pia na Claudia teve o ar soberbo do seu papel mas, na dicção, foi enfatica e pouco natural. Achamos mais que, em a noite da primeira representação, esta Sra. se preocupou em demasia com o compôr do vestuario, quando deitada no coxim, no final da terceira jornada. Devia estar impassivel, imovel, adormecer vagamente, cair em sômnio profundo sem prejudicar com o arranjo das roupagens o trabalho da figura que a acompanha.

A encenação devia ter sido um pouco mais cuidada.

A musica de A. de Machado muito inspirada. Scenario bom, de Manini e Augusto Pina. Vestuario, de Castello Branco, a rigor.

... ..
E lá estivemos... na geral.

ROMANOL.

OS AMIGOS

Amigos, cento e dez ou talvez mais.
Eu já contei. Vaidades que eu sentia:
Supuz que sobre a terra não havia
Mais ditoso mortal entre os mortaes!

Amigos, cento e dez tão serviciaes,
Tão zelosos das leis da cortezia,
Que, já farto de os ver, me escapulia
As suas curvaturas vertebraes.

Um dia adormeci profundamente:
Ceguei. Dos cento e dez, houve um somente
Que não desfez os laços quasi rotos.

Que vamos nós, (diziam) lá fazer,
Se elle está cego não nos pode ver?
— Que cento e nove impávidos marotos!

Ultimos versos de

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A nossa pagina musical

O auctor da apreciada «Moabita» honra o presente numero com um *Mimete antigo*, extrahido das *Impressões Symphonicas*, duas *suites* para orchestra que breve vão ser executadas.

Discipulo querido de Thomaz Borba e Julio Neuparth, Antonio Thomaz de Lima, logo aos quinze annos se salientou regendo magistralmente, na igreja dos Anjos, um *Te Deum* da sua composição.

Em Janeiro d'este anno, egualmente dirigiu, em S. Domingos, a grande orchestra que, executou a *Missa e Te Deum*, nova e brilhante composição sua, que mais ainda o enalteceu.

Thomaz de Lima, trabalha actualmente n'uma colleção de melodias para piano e canto, n'uma opera, cujo libretto é devido á penna do Ex.^{mo} Sr. Alfredo Pinto (Sacavem), obras estas que, dentro em pouco, serão devidamente apreciadas e justamente applaudidas.

O «Azulejos» agradece a Thomaz de Lima a sua gentil collaboração.

Semana Alegre

Em uma aula:
O professor — Para que serve o carvão... animal?
O alumno, respondeu á lettra — Para limpar o assucar... bruto!

N'um exame de medicina legal:
O lente — Como explica a morte por enforcamento?

O alumno — Facilmente. A corda não é bastante comprida para que a victima chegue com os pés ao chão.

Cumulos

Tomar precauções ás colheres.

Alimentar esperanças a biberon.

Apagar fogo com uma borracha.

Vestir um vestido.

CURIOSIDADES

No anno de 590 houve uma peste de grande violencia, contando entre os seus symptomas o espirito e o bocejo.

Um dos atacados foi o papa Pelagio II. Dizem alguns historiadores que por essa epoca se começou a dizer *Dominus tecum* ás pessoas que espirravam e a fazer o signal da cruz na bocca das que bocejavam.

Alcinda

Desde que a vi, incita-me o desejo,
nervoso, intenso, louco e fervoroso
de lhe depôr um casto e longo beijo
no collo seu eburneo e setinoso...

No collo seu, eburneo e setinoso
é que voltam loucas, n'um adejo,
as castas illusões d'esse radioso
e puro amor porque suspiro e almejo...

Ah! por quem és, Alcinda, um só momento
eph'e'm'o, embora, rapido e fugaz
deixa-me no teu collo adormecer...

Depois... que eu tenha n'um 'stertor incruento,
da morte, a prolongada e eterna paz...
— d'amor, exausto, quererei morrer!

ARRISCADO MALHEIRO.

VARIEDADES

Ementa do Azulejos
para o jantar de 25 de Dezembro de 1907

PRIMEIRA ENTRADA

Gallinhola à Duque de Mantua. — Depennadas e chamuscadas as gallinholas, abrem-se pelas costas, tiram-se as tripas, que se deitam fóra, e os figados que se picam juntamente com tocinho raspado, duas gêmeas d'ovos, salsa, cebolinha picada e sal. Com este picado recheia-se a gallinhola e cose-se com linha para o picado não cair. Emborcam-se as aves com os proprios bicos, cobrem-se com pranchas de tocinho e papel

manteigado e põe-se a assar. Depois de cosinhadas, tira-se o papel e o toicinho e servem-se com molho alemão. Com este prato serve-se *Bucelas Tinto*.

Modo de fazer o molho Alemão

Refoguem-se em manteiga corada, presunto, trufas, cogumelos, cebolinhas, salsa, um dente d'alho, tudo bem picado; depois de feito o refogado, deitam-lhe uma colher de caldo, pimenta e uma folha de louro: deixe-se fervêr pouco a pouco e, em o caldo estando reduzido, ligue-se com duas gêmas d'ovos, um bocado de manteiga e pinhões esmagados.

POSTA RESTANTE

N. M. d'A—Os seus versos estão errados. Veja se emenda a *Visão* e... mande.

J. C. T.—Idem. São talvez os primeiros que architectou! Pois estude, que tem muitissimo a aprender; appareça d'aqui a um ou dois annos.

S. Pinto.—Estão errados.



QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

Decifradores

Do n.º 9

Em concurso.—*Augusto Carvalho* (10), *Marianno Ribeiro* (10), *Litras* (9), *A. Sousa* (9).

Decifrações do numero antecedente

Despreso — *Bechamel* — *Preamar* — *Lucialima* — *Dódo* — *Matam* — *Barata* — *Rodelo*, *rolo* — *Marmorta*, *marmorista* — *Mertola* — *Limonada* — *Nem boda sem canto, nem morte sem pranto* — *Chacal* — *Ala*, *Chapa*, *Colmeal*, *Carapinha*, *Alcaravella*, *Agua Revez*, *Azeitão*, *Banho*, *Vau*.

Logogrifo

Rapido

Aqui
1, 2

Bebida

Virtude
3, 4

GALHÊTO

[Empty box for Logogrifo puzzle]

Charadas

Tenho olhos, nariz e bocca,
Boa ou má apparencia;—2
Alimento muita gente,
Nunca indico carencia—2

Não mostra nada de certo,
São enredos, são questões,
Não vale a pena leitor
Causar-te mais confusões.

J. P.

[Empty box for Charadas puzzle]

Novissimas

No mar de madrugada faz este apellido-1, 2.

AIDUALC

[Empty box for Novissimas puzzle]

Vi no ceo o que offereci da rama, para a frigdeira-3-2.

LITRAS

[Empty box for Novissimas puzzle]

O crustaceo, no jogo, é um prego de cabeça chata-3-1.

AUROFLIU

[Empty box for Novissimas puzzle]

Egualdade

A cidade é uma divindade mythologica-2.

J. L. C. (SADO)

[Empty box for Egualdade puzzle]

Metamorphose

Desaperta a armadilha-3 (1-b).

AÇNAREPSE

[Empty box for Metamorphose puzzle]

Reduzida

Instrumento-2
m
Bacôco-2

SILVINO

[Empty box for Reduzida puzzle]

Enygmas

Typographicos

Consoante eior 5 agora rarrorop

E. RAMOS

[Empty box for Enygmas puzzle]

PI

TU

Do breviario

J. P.

[Empty box for PI/TU puzzle]

RE

Manuel, Antonio

A. J. L.

[Empty box for RE puzzle]

GENERAL

X

ALPHA

[Empty box for GENERAL puzzle]

E E E E E E E
E E E E E E E
E E E E E E E
E E E E E E E
Q

J. P.

[Empty box for GENERAL puzzle]

De palitos

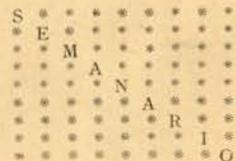


Tirando 10 palitos fica um animal.

J. F.

[Empty box for De palitos puzzle]

Chorographico



Terras portuguezas.

J. P.

[Empty box for Chorographico puzzle]

Artigos a decifrar, 15.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succesor.
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Forjas americanas
De ventoinha, sendo a ultima palavra em simplicidade e economia.
Vel-as e compral-as é obra de um momento.
OS INTERESSADOS QUE SE APRESENTEM
Deposito: R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, D.º—Lisboa

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

ESCOLA
DE
EQUITAÇÃO
DE
João Gagliardi
70, RUA D. PEDRO V, 70
LISBOA

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receitauario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo instituto

BICYCLETAS INGLEZAS
VENDIDAS A PRESTACIÕES



CASA VELO-PORTUGAL
J. da COSTA BRAGA-21, RUA MARIA, 23 LISBOA

BICYCLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUZO POR PREÇOS BASTANTES
CONSERVANDO O PREÇO E GARANTINDO O VALOR
REGISTRAL DE LONDRES (LONDRES) FINEST PAVEMENTO (LONDRES) CARRO GRANDE

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR
A bicycleta ingleza, de 1.º ordem que, sob a denominação de
"VELO-PORTUGAL"
vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impossivel de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possivel.

Não ha cyclista que o ignore.
Ninguem imita artigos sem reputação.
O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, teem centenas de imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido.
Solicita-se com cordial empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vêr mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.

Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubémos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletas das mais modestas as de maior luxo por preços razoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferencia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espathafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas poderiam fornecer por menos, e nada mais.

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

MINUETE ANTIGO

DAS "Impressões Symphonicas"

SUITE I - N.º 2

Antonio Thomaz de Lima

Tempo di Minuete

PIANO.

NO PROXIMO NUMERO:

AH! MAS NÃO TEM DUVIDA - Mazurka por ALFREDO MANTUA